

PLANEJAMENTO E FLEXIBILIDADE: UMA ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES DE EXPERIMENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DAS INFÂNCIAS.

Julia Regina Huber da Silva Alves¹

Mayara Benjamim de Oliveira²

Thais Macedo Niedisberg³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o planejamento pedagógico aliado à flexibilidade, a partir da análise de uma experiência realizada no projeto de extensão Ateliê da Infância, vinculado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância (NEPE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). O estudo insere-se no campo da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, destacando a importância de considerar as crianças como sujeitos ativos, capazes de ressignificar propostas planejadas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, que se desenvolve a partir da observação e análise de uma ação realizada com crianças da Educação Infantil durante visita no Ateliê. A proposta inicial consistia em um espaço de pintura, no qual as crianças utilizariam tintas com as mãos em um cartaz fixado na parede. Entretanto, uma das crianças transformou a proposta ao pintar o próprio corpo, desencadeando novas formas de interação do grupo, que passaram a explorar as tintas para além do suporte previsto, utilizando braços, rostos, e até camisetas das educadoras como telas. Os resultados evidenciam que o planejamento pedagógico precisa ser entendido como ponto de partida, e não como controle absoluto da ação. A experiência revelou que a disposição dos materiais e a organização do espaço são elementos pedagógicos vivos, que podem favorecer a invenção e o brincar livre quando aliados à escuta sensível do educador. Ao se abrir às iniciativas infantis, a proposta ganhou novos significados e tornou-se mais rica, revelando a potência das múltiplas linguagens das crianças. Constatamos que planejar para as infâncias implica acolher o inesperado e compreender o espaço como território de possibilidades. O contexto analisado demonstra que a flexibilidade no planejamento fortalece tanto a formação docente quanto a criação de experiências significativas para as crianças.

Palavras-chave: Planejamento, Crianças, Ateliê da Infância, Espaços, Experiências.

INTRODUÇÃO

A presente escrita tem como objetivo apresentar e refletir sobre algumas das ações desenvolvidas no interior do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância (NEPE), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com foco especial em um de seus projetos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, huberjulia392@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, coautor1@email.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, coautor3@email.com;

de extensão: o Ateliê da Infância. Este projeto configura-se como um espaço voltado à brincadeira, à criação e à educação, sendo, portanto, um território fértil de experimentações pedagógicas, escuta sensível e vivências significativas para e com as crianças.

O Ateliê da Infância representa um importante campo de interlocução entre universidade e comunidade, articulando saberes acadêmicos e práticos por meio da presença ativa de crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essas crianças visitam o espaço do Ateliê, o qual fica localizado no prédio do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, vivenciando propostas planejadas pelas bolsistas e professoras do NEPE, que, enquanto professoras-pesquisadoras, também se constituem e se transformam por meio dessas interações.

Este trabalho se propõe, assim, a expor uma dessas experiências de visita ao Ateliê da Infância, discutindo suas implicações pedagógicas e formativas. Além disso, busca-se explorar o papel do professor e professora das infâncias no processo de planejamento pedagógico, atentando para as interferências, sugestões e criações das próprias crianças. A intenção é evidenciar a potência da escuta e da valorização das infâncias, como elementos constitutivos dos espaços brincantes, concebidos a partir do estudo, da pesquisa e da sensibilidade das educadoras envolvidas.

METODOLOGIA

O Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE configura-se como grupo de pesquisa e como programa de extensão da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, em que professoras e estudantes vinculados/as à área da educação, aprofundam e produzem referenciais acerca da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da formação de professores(as) e das infâncias. Neste sentido, no NEPE são desenvolvidos diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Neste contexto, o Ateliê da Infância caracteriza-se como um projeto que está vinculado ao Programa de Extensão Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, sendo proposto para oportunizar espaço para a brincadeira, para a realização de oficinas, ações de formação continuada, exposições, contação de histórias, entre outras ações que envolvem bebês e crianças de Escolas de Educação Infantil e dos anos iniciais da rede de ensino do município do Rio Grande, estudantes do curso de Pedagogia e professoras que atuam em creches, pré-escolas e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Uma das premissas que orientam as ações do Ateliê da Infância é a organização de espaços que possibilitem a exploração e as interações e brincadeiras de bebês, crianças e

crianças bem pequenas. A partir disso, cabe ressaltar que existe um grupo de bolsistas do programa de extensão que estudam e planejam como serão esses espaços, os quais são organizados de acordo com as especificidades de cada grupo de crianças que serão recebidas.

Nesse ínterim, destacamos a importância da flexibilidade e do olhar atento do professor e da professora dentro do planejamento, visto que as atividades planejadas pelo núcleo, grande parte das vezes, passam por flexibilizações de acordo com o interesse das crianças, afinal existem diferentes infâncias e em um grupo de crianças, mesmo que sejam da mesma faixa etária, não possuem os mesmos interesses.

Sob essa perspectiva, está escrita foi construída a partir da reflexão sobre uma das propostas que aconteceram no espaço do Ateliê: a visita de uma escola de Educação Infantil do município de Rio Grande. Conforme mencionado anteriormente, o planejamento é pensado de maneira singular a cada grupo de crianças.

No dia da ação supracitada, estava previsto o planejamento de um espaço para experimentação de uma das múltiplas linguagens das infâncias, visto que consideramos a criança um ser expressivo, sensível, criativo e potente, que se comunica por meio de diferentes linguagens e constrói sentidos sobre o mundo a partir delas (Lopes, 2007). Sendo assim, neste caso, destacamos como linguagem a pintura com tintas.

O espaço construído, em síntese, foi composto por um cartaz que cobria parte de uma parede do espaço externo do prédio do Instituto de Educação, além do cartaz, estavam espalhadas tintas coloridas pelo espaço, o objetivo era que as crianças pudessem experienciar as tintas com as mãos utilizando do cartaz como tela para a pintura.

Entretanto, uma das crianças se sentiu provocada a ir além da proposta, com olhos atentos, muita curiosidade e imaginação ela escolheu uma das cores de tinta, mergulhou as mãos, pintou o rosto, os braços e os pés e, dessa forma, a cada nova cor de tinta escolhida para pintar o próprio corpo havia uma transformação: “Agora eu sou uma coruja!” “Verde? Agora eu virei uma árvore!” era o que ouvíamos naquele espaço.

Após isso, as outras crianças também decidiram adentrar na pintura das mãos e dos braços, mas, dessa vez, com outro objetivo, elas espalhavam a tinta e através de abraços e toques, carimbaram as camisetas do grupo de bolsistas que as estava recebendo, transformando e incorporando novos significados a proposta outrora pensada àquele grupo de crianças.

Dessa forma, refletimos sobre a importância do olhar atento e sensível do educador em relação às suas práticas, uma vez que a escuta e a observação dos interesses das crianças

permitiram que a proposta pedagógica ganhasse novos significados, tornando-se uma experiência ainda mais rica e significativa para elas.

Nesse contexto, entendemos também a importância da reflexão sobre a disposição dos materiais nos espaços, visto que, se ao invés de possibilitarmos que as crianças pintem com as mãos nós limitássemos a pintura aos quadros e pincéis, possivelmente elas não seriam aguçadas a experimentarem as tintas pelo corpo. Sob essa perspectiva, Schwall (2012, p. 32) aponta que,

As maneiras nas quais as crianças inventam com os materiais costumam ser inesperadas e surpreendentes: portanto, é importante que os adultos que trabalham com crianças adotem uma postura de liberdade e possibilidades ilimitadas.

Além disso, destacamos a potência do brincar livre, mesmo quando este acontece em espaços previamente estruturados, como os ambientes cuidadosamente organizados no Ateliê da Infância. Nesse contexto, um dos princípios fundamentais do Programa de Extensão é justamente a criação de espaços que estimulem a criatividade das crianças, favorecendo, inclusive, o surgimento de novas brincadeiras que vão além do planejamento previamente estabelecido.

Acreditamos na criança como sujeito histórico de direitos, bem como aponta Cohn (2005), com vontades, opiniões e repertórios próprios, assim, ainda que as atividades sejam construídas com base em estudos e pesquisas realizados pelas bolsistas do Núcleo, é essencial garantir que as crianças tenham liberdade para explorar os espaços e materiais conforme suas próprias curiosidades e desejos.

REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto desta escrita, fomos impulsionadas, para além das ações que acontecem no espaço do Ateliê, pelas premissas que orientam as práticas do projeto. Dessa maneira, em primeira ordem é importante destacar a potencialidade da criança como sujeito histórico e de direitos, sendo assim, a criança é entendida não mais como um vir a ser, mas como um ser social pleno, com saberes, desejos e modos próprios de agir no mundo (Cohn, 2005.)

Embasadas por essa perspectiva, compreendemos o papel da criança dentro de nossas propostas, tendo acesso ao brincar livre de acordo com seus próprios interesses, explorando os espaços e suas intencionalidades de experimentação.

Além disso, destacamos a concepção de que espaço e ambiente são conceitos distintos e esta percepção enfatiza a importância de adentrar as diferentes perspectivas no momento em que organizamos os espaços em nossos planejamentos. Sendo assim, consideramos espaço

aquilo que é planejado e construído, constituído pelo uso de materiais previamente estruturados, pelos mobiliários, etc. Porém, o termo ambiente refere-se a série de significados atribuídos ao espaço, no ambiente o esperado vai ao encontro do inesperado, o ambiente ocorre a partir da construção mútua e constante, Horn e Gobbato (2015) apontam que o ambiente “fala” ao transmitir-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes.

Outrossim, evidenciamos o Ateliê da Infância como ambiente de diferentes possibilidades e configurações, sendo construído de diferentes formas a fim de oportunizar diferentes experiências que envolvam as diferentes infâncias.

Com base nessas compreensões, torna-se essencial refletir sobre o papel do(a) professor(a) na organização desses contextos, não apenas como quem planeja e dispõe os materiais, mas como alguém que observa, escuta e interpreta as ações das crianças, reconhecendo nelas potências e saberes. O educador, portanto, atua como mediador das experiências, favorecendo situações que ampliem as possibilidades de exploração e criação, sem restringir ou direcionar de forma rígida o percurso das crianças. Essa postura implica compreender que o ambiente educativo é também resultado das relações que nele se estabelecem, e que cada intervenção, presença ou ausência do adulto interfere na maneira como as crianças habitam, transformam e ressignificam o espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de experiências como a mencionada neste trabalho, foi possível compreender a importância do planejamento pedagógico como um elemento incisivo e plural dentro das práticas nas infâncias. Machado (2003) pontua que o ato de planejar não significa prever o que será feito, mas considerar o que está sendo vivido pelas crianças, acolhendo suas iniciativas, interesses e interações como parte fundamental do processo pedagógico.

A princípio, a experiência previa apenas a exploração de tintas com as mãos em um cartaz disposto na parede, mas, ao longo da proposta, as crianças ressignificaram esse espaço, transformando-o em um ambiente vivo de brincadeiras, interações e imaginação. Uma das crianças, ao pintar o próprio corpo, deu início a uma nova narrativa dentro da proposta, abrindo espaço para que outras também se envolvessem em formas inesperadas de expressar-se dentro de suas individualidades.

A partir da interferência das crianças na proposta realizada com as tintas, podemos adentrar sob essa perspectiva repensando a nossa prática enquanto futuras professoras, ao pensarmos que a maneira como planejamos os espaços torna visível a nossa visão sobre quem

são as crianças e como elas poderão expressar-se dentro dos espaços em que estão inseridas. Esta ação também nos fez refletir sobre os nossos próprios modos de planejar e conduzir as propostas, além disso, a entrega das crianças ao brincar e a criação, bem como a apropriação espontânea dos materiais dispostos, revelaram a necessidade de se pensar ambientes que incentivem a liberdade de experimentação, reconhecendo que a aprendizagem acontece também nos desvios, nas invenções e nos gestos inesperados.

Esse movimento evidencia como as crianças atribuem sentidos próprios às experiências ofertadas, demonstrando que os espaços organizados para as infâncias não devem ser pensados como fechados ou restritivos, mas sim como territórios de possibilidades, afinal, ao adentrar o corpo como superfície para a criação, as crianças puderam expandir os limites do que havia sido planejado.

Ademais, a experiência apontou para a importância da forma como os materiais são disponibilizados. A liberdade para tocar, misturar e se envolver corporalmente com as tintas só foi possível porque o espaço favorecia essa interação. Se a proposta tivesse sido restrita ao uso de pincéis e suportes tradicionais, talvez essas invenções não tivessem emergido. Isso reforça a relevância de pensar os espaços de maneira cuidadosa, mas não rígida, permitindo que sejam constantemente recriados pelas crianças.

Em suma, os resultados dessa vivência reforçam a ideia de que planejar para as infâncias é criar condições para o imprevisível, reconhecendo nas ações das crianças um saber legítimo e potente. O Ateliê da Infância se consolida, assim, como um lugar em que crianças e professoras aprendem de forma mútua, em uma relação de escuta, trocas e criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta escrita, buscou-se evidenciar a potência do planejamento pedagógico aliado à flexibilidade como elemento essencial para a construção de experiências significativas nos espaços voltados às infâncias. A partir das vivências no Ateliê da Infância foi possível observar como a escuta sensível e o respeito às múltiplas formas de expressão das crianças podem transformar uma proposta previamente planejada em algo ainda mais rico e potente.

A experiência aqui relatada revelou que o ato de planejar não deve ser encarado como uma tentativa de controlar o tempo e os movimentos das crianças, mas sim como uma estratégia que permite abrir caminhos e sustentar diferentes possibilidades. Um planejamento verdadeiramente significativo para a infância é aquele que considera a criança como sujeito ativo, capaz de interferir, criar, propor e ressignificar o que lhe é oferecido. Dessa maneira, o

educador precisa assumir uma postura ética e sensível, atento ao que emerge das relações e pronto para acolher o inesperado.

Compreender o planejamento como um ponto de partida, e não de chegada, exige das(os) professoras(es) uma constante revisão de suas propostas aliado à formação inicial e continuada. No episódio vivido através da proposta no Ateliê, a intervenção espontânea de uma criança transformou toda a dinâmica da proposta e desencadeou uma série de ações criativas por parte das demais, revelando que a potência do brincar e da criação não está limitada ao que foi previamente pensado. Ao contrário, muitas vezes ela floresce justamente quando o planejado é atravessado pelas vozes e corpos das crianças.

Esta vivência nos leva a refletir, também, sobre a importância de pensar os espaços como elementos pedagógicos vivos. A maneira como os materiais são organizados, a disposição dos objetos, a liberdade do movimento, tudo isso comunica e convida, ou não, à experimentação. Espaços pensados com intencionalidade pedagógica favorecem o encontro da criança consigo mesma, com o outro e com o mundo. Assim, ao disponibilizar tintas de forma acessível e ao garantir que o corpo pudesse ser mais um suporte de expressão, abriu-se a possibilidade de que outras formas de brincar e criar emergissem.

Nesse processo, tornou-se fundamental desconstruir certezas e fórmulas prontas, mas construir caminhos junto com as crianças. Isso implica reconhecer que cada grupo é único, que cada visita traz consigo novas possibilidades, e que o planejamento precisa ser flexível o suficiente para acolher essas singularidades.

Por fim, reafirma-se a importância de pensar o planejamento pedagógico como uma prática viva, que se transforma a partir do diálogo com as crianças, com os espaços e contextos. Esta experiência reitera a potencialidade de elementos como as descobertas, as invenções e as múltiplas linguagens nas experiências das infâncias. Além disso, nos convida a repensar modos de realização das propostas, abrindo mão do engessamento em favor de uma educação mais significativa e profundamente comprometida com os direitos das crianças.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nosso mais sincero reconhecimento à Universidade Federal do Rio Grande (FURG) pelo apoio fundamental concedido a este trabalho. A contribuição da instituição, formalizada por meio do EPEC/PDE/PROEXC/FURG 2025, foi decisiva e imprescindível, assegurando os meios necessários para a realização, desenvolvimento e

disseminação desta pesquisa/ação de extensão. Nossa profundo agradecimento por investir na produção de conhecimento e na articulação com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- COHN, Clarice. Antropologia da criança. In: CARDONA, Maria José (org.). *Antropologia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HORN, Maria da Graça Souza; GOBBATO, Carolina. Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de (Orgs.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 69-84.
- LOPES, Rita Coelho. In: KRAMER, Sonia (org.). *Infância e educação infantil: políticas, pesquisas e práticas*. São Paulo: Moderna, 2007.
- MACHADO, Maria Lúcia de A. Ensinar e aprender na Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2003.
- SCHAWALL, Charles. O ambiente e os materiais do ateliê. In: GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (Orgs.). **O Papel do Ateliê na Educação Infantil: A inspiração de Reggio Emilia**. São Paulo: Penso, 2012. P. (31-47)